CDU 37:616.314

ENSINO ODONTOLÓGICO – REALIDADE

*Fernando Molinos Pires Filho**

* Diretor do Centro de Pesquisas em Odontologia Social da UFRGS Chefe do Departamento de Odontologia Preventiva e Social da UFRGS

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

PIRES FILHO, Fernando Molinos. Ensino odontológico- realidade. *Revista da Faculdade de Odontologia de Porto Alegre, 27*:49-55, 1985.

DESCRITORES

— Educação Odontológica

RESUMO

O autor, baseado em dados relativos a situação da educação brasileira, questiona a oportunidade de comemorações relativas a data dedicada ao Cirurgião - Dentista, denunciando a alienação de tais atitudes.

ENSINO ODONTOLÓGICO – REALIDADE *

Ocasiões como a de hoje me fazem lembrar Carlos Gentile de Melo, um dos sanitaristas mais consciente, respeitado e combativo que este país teve a felicidade de conhecer.

Aliás foi ele um dos primeiros a manifestar-se contra o sistema de pagamento utilizado pela previdência social quando esse sistema ainda era acenado por políticos e ingenuamente saudado por muitos profissionais como a grande solução para o mercado de trabalho na área da saúde.

Denunciava ele que o pagamento por unidade de serviço até hoje existente era injusto para os profissionais, iatrogênico para a população e acima de tudo fator incontrolável de corrupção da prática médica levando-a a atendimentos fantasmas e induzindo-a a realização de atos operatórios desnecessários e sofisticados[5].

Pois esse professor quando convidado a falar em eventos, como esse de hoje, explicava sua presença contando uma estória: a estória de uma senhora que sempre que comparecia a festinhas era convidada a cantar, fato que a deixava muito lisonjeada até que descobriu que a repetição dos convites que lhe faziam servia mesmo era para ver se repetindo ela melhorava seu desempenho, que, na realidade, era horrível.

Gentile dizia, que em relação a ele, a renovação dos convites ou a razão da escolha para representar a área de ensino ou de saúde pública não se dava, somente como oportunidade para melhorar a qualidade de sua oratória, mas, mais provavelmente, pela curiosidade que tinham as pessoas em verificar se ele não se havia cansado de seu discurso, sistematicamente denunciador, impiedoso e pouco agradável aos ouvidos dos responsáveis pela saúde da população e, de certo modo, de segmentos mais conservadores da categoria prestadora de serviços de saúde.

Sem nenhuma intenção de estabelecer comparação aos méritos do saudoso professor, não deixamos de compartilhar da mesma sensação que sentia aquele velho e corajoso sanitarista.

Talvez a própria área de que nos ocupamos, Odontologia Social, mais facilmente nos leve a uma postura também crítica e realista que, por alguns até já foi taxada de pessimista, agourenta ou derrotista, e que o tempo acabou, por confirmar não se tratar de visionismo descrente mas de projeção cientificamente realista.

Hoje, a própria situação vivida pela profissão, caracteriza que os tempos de doce idealismo ficaram para trás e que mais vale a consciência dos fatos, por mais cruéis que sejam eles, do que a tranqüilidade enganosa da auto-alienação.

Como muito bem afirmou recentemente o Ministro Militar Délio Jardim de Mattos vivemos momentos em que se torna imperioso, dizia ele, "negar a renegar a ideologia dos subservientes porque o elogio fácil com que nos adoçam os lábios é o mesmo que turva a visão e esconde a realidade." [2]

Cremos que a posição desses dois brasileiros ilustres respalda e serve como explicativo a nossa apresentação.

* Trabalho apresentado por ocasião do Painel comemorativo ao dia do C. Dentista em 25.10.83 na Faculdade de Odontologia da UFRGS.

Daremos a ela um título diverso do da programação oficial. Resolvemos chamá-la de "O Menino e o Rei" ou se preferirem "Rir de Que?" porque vemos algumas possibilidades de relacionar a situação que vivemos com a do menino que viu o rei nu, quando todos o viam ricamente vestido, ou da hiena, que apesar de seus hábitos sumamente comedidos, ainda tinha o prazer do riso, estórias folclóricas de todos conhecidas.

Isto posto, vamos aos fatos:

"O MENINO E O REI"
OU
RIR DE QUE"

Há poucos dias, como hoje, neste mesmo Brasil dos milagres e das crises, dos autoritarismos e das mãos estendidas, dos brancos, alguns gordos e odiados, dos negros alguns reis idolatrados mas segregados, dos índios até deputados mas ameaçados e em extinção;

Neste mesmo Brasil das enchentes e das secas, das campanhas de solidariedade e dos saques;

Neste Brasil das independências e das entregas;

Neste Brasil dos concursos de beleza e das crianças desnutridas;

Neste Brasil dos decursos de prazo, dos 2045 e dos 2064, dos 130% dos BNHs, das Rio Centros, das Capemis, das Coroas Brastel e dos FMIs;

Neste Brasil, potência emergente do futuro, de povo esfomeado e desempregado;

Neste Brasil, comemorava-se ontem, como hoje o estamos fazendo, uma data: o dia do professor.

Ao contrário de hoje, porém a festa não foi promovida pelos homenageados, mas pela imprensa e pelo Estado através de suas autoridades representativas.

Também ontem, longe da intensidade com que se fez hoje, apesar dos esforços desenvolvidos, os órgãos de comunicação magnanimamente se ocuparam do fato.

Em páginas centrais e horários nobres, com manchetes generosas homenagens foram prestadas e honrarias foram distribuídas.

O que mais poderia almejar uma categoria profissional em seu dia?

Em seu dia, no dia em que a sociedade lhe reservou, receber, expontaneamente os agradecimentos e aplausos pelo seu trabalho.

Neste Brasil, tão machucado, tão angustiado, tão apreensivo e tão acuado pelos credores internacionais;

Neste Brasil, se reune forças e se homenageiam os professores.

Estranhamente, porém, os festejados mantiveram-se em impassível alheiamento.

Aliás, para ser mais correto, a principal entidade que representa os homenageados, em meio as felicitações e loas que se teciam, laconicamente afirmou:[3]

Não há o que comemorar!

Isto foi ontem.

Evidentemente, que não nos cabe enquanto Dentistas julgar a atitude dos professores e de sua entidade de representação.

Mas as semelhanças entre o ontem e o hoje nos induzem a pensar. O que levou os professores a tal comportamento?

Teriam tomado tal atitude em solidariedade a este Brasil econômico/político tão enfraquecido? Ou estariam, quem sabe os professores pouco satisfeitos ou desgostosos com o ensino do Brasil?

Também não nos cabe concluir. Todavia, como cidadãos/dentistas/professores ou mesmo como dentistas não nos é permitido ignorar que:

— Enquanto se retém, a nível federal 2/3 da arrecadação de tributos no

país, se prevê para 1984 apenas cerca de 6% do orçamento para a educação.

— A União gasta menos da metade do que os Estados aplicam em Educação, muito embora os recursos disponíveis nesta esfera de governo sejam significativamente menores.

Não nos é permitido ignorar que:

— Somente o que foi gasto de subsídios a empresas, no orçamento monetário, em 1982, equivale a cerca de cinco vezes o total de gasto com educação.

— Os gastos com educação representam, em média 35% dos gastos em programas sociais do governo, mas hoje nesses programas se gasta menos do que a metade do que se gastava a três ou cinco anos atrás, o que se comprova pelo fato de 1982 a União ter gastado em educação menos da metade do que gastava em 1977/1979.

Não é possível, mesmo como Dentistas ignorar que:

— Se em 1963 chegamos a ter 62% dos alunos matriculados na rede pública, em 1980 somente 23% estavam na Universidade pública enquanto 63% em Universidades privadas, sendo os restantes atendidos por estabelecimentos estaduais e fundações.

Não podemos deixar de saber que:

— Quase 23% da população de 15 a mais anos não sabe ler e escrever no Brasil e que 30% da população entre 7 e 14 anos está fora da escola.

— Nos últimos quatro anos o progresso na erradicação do analfabeto foi tão lento que a proporção diminuiu apenas de 23,9% para 22,7%.

Temos que ter presente que:

— Entre os 7 a 9 anos o número de pessoas que não sabiam ler e escrever passou de 47% em 76 para 50% em 1981, e que entre os 10 e os 14 anos esse percentual cresceu de 18 para 20% no mesmo período.

— Não podemos fechar os olhos para o fato de que na faixa etária de até 6 anos apenas 4% das crianças recebem atendimento escolar.

Temos que enchergar que:

— Em 1981 a proporção de pessoas que não sabiam ler e escrever entre os 5 anos e mais era de 21% entre a população urbana, e nada menos do que 47%, entre a população rural, apesar da urbana ser quase duas vezes e meia a popúlação rural.

Precisamos nos dar conta que:

— Só 60% das crianças matriculadas na 1ª série do 1º grau atinge a 2ª série, 17% atinge a oitava e somente 6,4% chega a terceira série do 2º grau.

Talvez esses dados[7,8] somados à consciência da situação a que chegou o país tenha levado os professores e sua entidade de representação ao lacônico: "Não há o que comemorar!"[4]

Mas isto foi ontem.

Hoje o dia é outro.

O dia é nosso. O dia é do Dentista.

Mas a responsabilidade de comemorá-lo ou dele fazer outro uso também é sua, também é nossa.

Cabe pois pensar se temos razões suficientes para considerá-lo um dia de festa, de júbilo, de incontida satisfação como soem ser as datas comemorativas.

Honestamente, como cidadão, como simples cidadão deste Brasil, não sentimos ânimo e muito menos vemos motivo para festjos. Ao contrário, a gravidade do momento nos impõe, antes de comemorações, gesto simbólico e convencional, a busca de outras formas mais condizentes e adequadas a manifestação do que sentimos.

Da mesma forma, na qualidade de professor, de C. Dentista/professor, condição que marca nossa presença neste Painel, compartilhamos e nos colocamos solidários as razões e aos motivos já cita-

dos que seguramente devem ter sido decisivos para definir a posição que assumiram nossos colegas professores no seu dia.

Por outro lado, como professor-universitário, fazer desse dia um dia de festa, seria incongruência.

Seria ignorar ou desconsiderar todas as manifestações de descontentamento que se levantam ao ensino superior na atualidade, neste País.

Seria festejar a falta de verbas, as tentativas de privatização,[6] a introdução do ensino pago, a impossibilidade de participação nas escolhas de dirigentes, o fraco apoio a pesquisa e o baixo salário tanto de funcionários administrativos quanto de professores, situações que se colocam como questões fundamentais da problemática que vive o ensino superior.

Mais especificamente, como professor de Odontologia preferimos fazer da data não um dia de festa mas um momento pedagógico não alienante onde a denúncia não dá espaço ao falso discurso que encobre a realidade e faz de todos cúmplices condecendentes das indesejáveis características que marcam e conformam um tipo de profissional inadequado as nossas necessidades.

Fazer silêncio a essa verdade em respeito a data, seria glorificar

o Tecnicismo — que modela nossos dentistas como técnicos tornando-os incapazes de pensar e repensar socialmente sua prática dando-lhe verdadeiramente conseqüência

seria legitimar

o Mercantilismo — que reforça-lhes a noção e os encaminha a uma prática que faz da saúde um bem de troca somente acessível aos que podem compra-la e não como um direito de todos que deve ser buscado

seria validar

a especialização — que precoscemente lhes ocupa com partes e lhes afasta da compreensão do todo gerando um profissional para o mercado e não para as reais necessidades da população

seria reforçar

o biologismo — que lhes reforça uma visão distorcida de causalidade da doença tornando-a natural e não socialmente determinada

seria valorizar

o individualismo — que lhes faz ver o paciente como um caso e não como um sujeito coletivo representante das necessidades coletivas do grupo a que pertence

seria referendar

o monopolismo — que os torna profissionais incapazes de transferir e compartilhar seu saber com a população e com outros profissionais da Odontologia

seria concordar com

o curativismo — que os condiciona a valorizar práticas de tratamento a atitudes e comportamentos voltados para evitar a instalação da doença

seria finalmente sacramentar

o cientificismo — que os leva a negar a existência de um saber popular historicamente acumulado e os faz gerar um tipo de conhecimento cada vez mais inacessível e distanciado dos segmentos majoritários da população.

Por tudo isso pouco tem o ensino a comemorar nesta data, a não ser a esperança de que recomendações como as registradas na última reunião da ABENO, realizada em Santa Maria se concretizem.[1]

Enfatizam elas a necessidade da Odontologia se engajar a outros segmen-

tos da sociedade civil nas lutas pela democratização e pelas mudanças estruturais capazes de viabilizar soluções verdadeiramente significativas para os destinos da nação.

Ou seguimos este caminho ou corremos o risco da alienação em nossos próprios limites o que nos conduzirá inevitavelmente ao distanciamento e a desvinculação da sociedade que ao assistir nossos festejos terá todas as razões para expressar nossa nudez ou questionar a falsidade de nosso riso.

SUMMARY

The author questions the opportunity of commemoration of the Dentel Surgeon's Day based on date related to the situation of Brazilian education denouncing the alienation of such attitudes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO ODONTOLÓGICO. *Ofício nº 309/83 à Faculdade de Odontologia da UFRGS:* Decisões da Assembléia Geral Ordinária da ABENO realizada em 06.09.83 naXIX Reunião da ABENO, e X Encontro Nacional de Dirigentes de Faculdade de Odontologia, efetivados em Santa Maria - RS. 3p. Processo protocolado sob o nº 557 de 10.10.83 na Fac. Odont. UFRGS.
2. DÉLIO repudia rebeldes e defende a democracia. *Correio do Povo,* Porto Alegre, 22 out. 1983.
3. EDUCADOR nada tem a comemorar. *Magister* Orgão Oficial do Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, out. 1983. p.4.
4. MAGISTÉRIO sem motivos para festa. *Folha de São Paulo,* São Paulo, 15 out. 1983. p.18.
5. MELLO, Carlos Géntile. Um modelo caótico, corruptor e incontrolável. In: MELLO, Carlos Gentile de & CARRARA, Douglas. *Saúde oficial medicina popular.* Rio de Janeiro. Marco Zero, 1982. V.4, p.34-41.
6. O MEC e as diretrizes da privatização. *Boletim da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior, 3*(15): 2, Ago. 1983.
7. ZANETI, Hermes. *O desvio de verbas da educação;* levantamento preliminar s.n.t. 8f. mimeogr.. Em anexo relatório do Depº Eduardo Matarazzo Suplicy, Brasília, 25.05.83.
8. _____. Discurso proferido na Câmara dos Deputados. *Diário do Congresso Nacional,* Brasília, 24 Mar. 1973, Seção I.